Illma. Snrs.
Dr. Heitor Blum
Roza - Esteves Junio


# O CLARÃO

ORGAM DE COMBATE, LEGALMENTE CONSTITUIDO

ESTADO DE SANTA CATHARINA — FLORIANOPOLIS BRAZIL

ANNO II SABBADO. 14 DE DEZEMBRO DE 1912 NUM. 68



**EXPEDIENTE**

Assignatura mensal, Capital 600 rs.
» » interior. 700 »

Prevenimos aos nossos assignantes que mudamos a nossa Redacção para a rua GENERAL BITTENCOURT N. 67, onde deve ser derigida a correspondencia.

Avisamos tambem aos dedicados leitores que o nosso jornal o «Clarão», continuará a ser vendido todos os dias das 6 horas da manhã ás 3 da tarde, na banca n.º 1 pertencente ao Sr. Agostinho, no Mercado desta Capital.


## RISOS E LAGRIMAS

Musica e sangue. A sacola do Sr. Bispo. O soccorro da religião.

Dois factos em parallelos differentes, chamaram a attenção publica em um dos dias da passada seman :

No palacio banqueteavam-se o Poder e a Religião, ao som da musica, entre vivas e brindes, na maior alegria e cordialidade que se possa imaginar. Em frente, no edificio em construcção da Delegacia Fiscal, um pobre operario, pauperrimo mesmo, cahe do alto dos andaimes e vem esfacelar-se nas pedras.

Lá, o riso, a festa, o goso e o dinheiro... Aqui, o choro, os ais, os suluços dolloridos d'um coração de mãe que vindo fallar com o seu filho, o encontra semi-morto.

Lá, continuava a banda a deliciar os banqueteados; aqui, o pobre operario que trabalhando para o sustento de sua vida e a dos seus, no labor pesado de um pedreiro pobre, perde a vida, como si fosse um condemnado impune pelos homens, punido pelo Destino. La, os abraços corcordiaes da politicagem; aqui, o abraço da morte, tetrico, lugubre, medonho, dado pelos braços cançados de uma mãe, no corpo ensanguentado de um filho quasi cadaver; pois, a vida fugia aos poucos; só um sopro irrisorio adjava-lhe ainda... Lá o poder e a religião fraternalmente envolvidos n'uma athmosphera de felicidade, gosavam ambas a mesma sensação de um jubilo fremente. Aqui, o corpo do infeliz pedreiro, carregado pelos irmãos de arte, pelo meio da multidão pasmada e horrorisada, que não sabia si olhar para o corpo do infeliz martyr do trabalho e escravo da pobreza, ou para aquella mãe inconsolavel que chamava pelo filho em altos soluços partido d'aquelle coração de mãe.

E em quanto no palacio tiniam as taças, éra o pobre moço depositado na Delegacia de Policia onde veio a fallecer minutos depois.

* * *

Não consta que s. s. Sr Ex-bispo, tão esmoler que éra, conforme reclame da imprensa, desse algum obulo de sua riquissima e farta sacola a mãe desnaturada que ainda chora pelo seu arrimo na ultima estação da existencia.

* * *

Tambem o Sr Toppe Cia, tão prestimosos em, dar os soccorros de sua religião aos moribundos não vieram no emtanto junto ao pobre corpo do operario em sangue, para soccorrel-o.

Qual; éra um pobre operario. Sua alma não valia dinheiro...

* * *

Vejam finalmente os leitores; si amanhã a mãe da infeliz victima do trabalho, mandar rezar uma missa pela alma do filho s o rev que a disser cobra o não os cinco mil reis da meia hora de latim. Que importa ao padre si aquelle dinheiro é o fructo de um trabalho espinhoso ?

Que importa a elle que falte a comida, o pão a mesa do pobre, si tem a farta na sua o bom vinho e epiparos jantares ?!... Abri finalmente as entranhas d'um homem desses procurai o coração e achareis uma pedra...

## ANGELINA

Nesta infeliz localidade continua a povo a ser bestialisado pelos frades e por um fuão Peixotinho que ainda se mostra mais exigente do que os frades em materia de fanatismo.

O homen-sinho arrasta a todas as horas para a igreja as crianças do logar para dizer-sa de terços e novenas e annunciar os dias santos.

Este santarrão Peixotinho é o mesmo que aqui na matriz num dia de fita de communhão deu uma bofetada em um pequeno que foi para o acto depois de ter almoçado !

Vejam que «santa» creatura que em uma igreja e diante dos santos esmurra uma creança que não podia defender-se, e que não teve um pai,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

um irmão ou mu parente para quebrar os dentes ali mesmo do São «Joaõ» o boca de ouro.

O tal «santo», um hypocrita refinado... como um que uma vez ameaçou de revolver a viuva do pai por questões de dinheiro... anda explorando as crianças e pervertendo as crianças que inocentemente o acompanham nas suas baboseiras sem saberem o perigo que correm as suas consciencias.

O beato é mestre escola.

Agora digam os leitores o que é que se pode esperar de discipulos de tal mestre a não serem homens brutos, fanatisados e capazes de todos os crimes que o professor carola aconselhar e que a fradalhada determinar!

E' desoladora neste ponto a situação de Angelina, e de Nova Trento, S. José, Palhoça, S. Amaro e outros logares, onde o povo está escravisado por essa nuvem de cabeças pelladas que enriquecem a custa alheia, levam a deshonra ao ao lar e deitam pela bocca todos os excrementos do insulto contra o casamento civil!

—§—

## PEDACINHO DE OURO

Offerecemos aos nossos numerosos leitores alguns pedacinhos de ouro da importante obra—«Christo e o Christianismo»—do barão d'Olbach:

I—Houve sempre, e ainda ha hoje, magistrados venaes ou fracos que poem a sua authoridade ao serviço das vinganças sacerdotaes. Ha muitos exemplos destes homicidios juridicos (Pag .114.)

II—Não foram acaso os cadafalsos e as forcas erguidas em quasi toda a Europa principlmente para aquelles que fossem accusados pelos sacerdotes? (Idem.)

III - O Christianismo, tal como nol-o apresentam desde os tempos do imperador Constantino, está tão afastado da doutrina de Christo como da doutrina de Zoroastro ou de Brahma (Idem.)

IV—Christo é apenas um pretexto um painel, para essas doutrinas fanaticas, para essas perseguições, para esses crimes religiosos. (Idem.)

V—Si elle (Christo) existisse agora, seria o primeiro a condemnar com horror esse christianismo que para ahi se exibe, apresentado pela Curia Romana—christianismo absurdo e barbaro que envelhece a alma e faz morrer o corpo de fome,esperando que um e outro sejam queimados, juntos, por toda a eternidade; christianismo que para enriquecer frades e outras classes, mais prejudiciaes do que uteis, reduzio os povos á mendicidade e portanto á necessidade do crime;christianismo que expõe os proprios reis ao fanatismo do primeiro devoto assassino, quando é preciso immolal-o á Santa Egreja: christianismo que despojou a Europa inteira para amealhar em alguns santuarios de virgens thesouros que chegariam para alimentar os pobres de todos os reinos; christianismo, emfim, que poderia ter servido para consolar toda a terra, mas que não fez mais do que afogal a em sangue, cobril a de assassinios e encheil-a de innumeraveis desgraças de toda a especie. (Idem.)

VII—O Christianismo dos nossos dias não só é contrario á religião de Jesus, mas constitue até uma religião blasphema. (116).

VIII—Levaram o impudor (os bispos) até o ponto de fazerem versos gregos, attribuindo-os ás Sybillas. (126.)

IX—Os quatro primeiros seculos do Christianismo foram preenchidos por uma serie continua de falsarios urdidores de escriptos e de obras que são apenas amontoados das mais absurdas e ridiculas mentiras. (Idem.)

X—E' dessas mentiras que se servem ainda hoje, para alimentarem a fé entre os seus rebanhos, os sacerdotes christãos. (Idem.)

XI—O celebre cura Meslier diz no seu testamento que, explicando assim as obras dos chamados «Nabis,»—prophetas entre os judeos,—podiam encontrar alli predicta toda a historia de Dom Quichote. (127).

XII—Note-se que este cura (Meslier) o mais caritativo e justo dos homens pedio perdão a Deus, á hora da morte, por ter acceitado um emprego em que se via obrigado a enganar os seus semelhantes. (Idem).

XIII—S. Lucas diz que Cirenios era governados da Syria quando nasceu Jesus. Ora esta falsidade é de todos conhecida: todos sabem que o governador daquella provincia, na epoca citada, era Huintilio Varo (Idem).

XIV—S. Matheus diz que a fuga de Jesus para o Egypto fora predita pelo propheta Oseas. Por sua vez S. Lucas diz que Jesus nunca foi ao Egypto. (Idem).

XV—O mesmo S. Matheus diz em outra parte que Jesus habitou em Nazareth, para que se cumprisse a prophecia, segundo a qual elle seria chamado o «Nazareno». E tal prophecia ninguem a conhece, ninguem teve noticia d'ella. (Idem.

continúa.

—§—

No proximo numero sahirá um artigo, sob o titulo «A troca e o esquecimento», na procissão da N. S. da Conceição, realisada domingo ultimo

Pedimos ao Sr. Superintendente Municipal para que faça cumprir o § 7º do art. 215, do Codigo de Posturas, em que «prohibe os signaes funebres, de qualquer especie, nos sinos das igrejas.

—§—

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## O PRELADO DA FREGUESIA

Batina preta, bigode raspado
eis o prelado
Da freguesia. E' o bom reitor
e o confessor
De toda a gente. Cada um casamento,
ah um portento!
São dez mil reis. Em cada missa
ganha o linguiça
Cinco mil reis. Para um defunto encommendar
tem que ganhar
Oito mil reis. Si elle faz um baptisado
tem o damnado
Mais cinco mil reis. Emfim tudo é rendoso
para o manhoso
Na casa das ovelhas, almoça e janta
isso não espanta
E' rasão bastante para estar endinheirado
o tal prelado
E, depois da fita bem passada,
n'uma pernada
Sae rindo com um riso d'alegria,
para n'outra freguesia
Ir. pregar, como diz mui acentado,
o popular dictado

K. D. T.

—§—

PARA ESCLARECIMENTO DO POVO

O § 7· do art. 72 da Constituição Brasileira que nos rege, diz o seguinte:—Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia, ou alliança, com o governo da União, ou o dos Estados.

## O VEIGA E O JUIZ!

No domingo passado,
Hove grande discução!
Entre o Veiga e o Juiz,
Na hora da procição!

Diz o Veiga ao Juiz:
Queres o Palio, meu irmão?
O aluguel é dez mil réis!
Por menos, não vai não.

Responde o Juiz da festa:
Isto não tem cabimento!
O sr. Veiga, está bem vendo,
Que é p'ra cobrir o sacramento.

Qual! Tudo aquillo é invenção!
Diz o Veiga, todo alterado,
O que elle vai cobrindo,
E' um padre e bem barbado.

Fiado, tambem não vai,
E' ordem da communhão,
Si não mandarem o dinheiro!
O Pailo não vai não!

Um devoto

## CONTOS DA MODA

(Ao Ary Tolentino)

O reverendo «Queixudo» éra um espectro que sumia-se dentro de uma batina ja um pouco verde pelo uso diario.

Alto, magro, nariz adunco, fronte larga, olhos vivos; éra mesmo um «apropriado» para a ponta de teu lapis que o aproveitaria de certo para uma excellente caricatura.

Todas as manhãs elle dizia a sua missa que não éra sinão um pretesto para depois da mesma assentar-se no alcochoado de um confissionario.

Queixudo éra a alcunha que lhe poseram os filhos da Candinha, devido o padre possuir um formidavel queixo d'aquelles á moda Barata Ribeiro.

***

Uma occasião, tirei-me de meus cuidados e fui a Igreja.

Era uma terça-feira de manhã, linda, como todas as manhãs da estação das flores, onde ha vida e poesia em toda a parte, e em fino relevo se manifesta a punjança da natureza, com esse mysto de bellezas indescriptiveis.

Entrei no templo, e fui assentarme commodamente um pouco distante do confissionario.

La dentro, estava o «Queixudo» assentado esperando os peccadores.

Ajoelhava-se uma mocinha, candida e pura como a singeleza do lirio.

Ella submissa ante os pés do confessor como quem vê aterrada um insondavel abysmo.... o que faria aquella pobresinha e qual o peso que lhe amortecia o espirito?

Nenhum; pois que peccado poderia ter a mocinha a não ser o de amar.... amar com a pureza de sua alma de virgem, d'um corpo virginal?!

Depois, uma senhora casada; ajoelhara-se tambem; que crime commetteria aquella senhora que deixára de confessar-se ao marido para o fazer com um extranho?

E assim successivamente eu fazia com minha consciencia esse dialogo.

Subito, com a velocidade de um raio, me atravessou o cerebro um pensamento.

Vou confessar-me, pensei; ou por outra, vou metter aquelle marreco em confissão...

Juntando a acção a ideia eis-me de joelhos ante o Queixudo.

. . . . . .

—Qual o peccado que lhe pesa n'allma Senhor?

—Ah! reverendo... um muito grande; falta-me a coragem de lhe dizer... mas...

—Falle, disse o padre; falle sr.

—(Era tempo de principiar a fita) Comecei—; sr. padre eu sou um assassino e um ladrão.

—O reverendo tirou dos olhos o lenço e fitou-me embasbacado.

—Sr; eu commetti um crime horroroso, medonho; matei e roubei uma fortuna colossal á minha vitima...

O Queixudo pigarreou afastou-se um pouco e disse-me: mas...

—Sr. padre, a minha victima éra um extrangeiro sem familia e sem parentes, só no mundo. A sua fortuna é colossal; monta em mil contos; foi adquirida honradamente; esse extrangeiro veio

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

residir perto de mim e contou-me toda a sua historia. Aquelle ouro cubiçou-me; matei o pobre homem e enterrei-o e propaguei que elle tinha embarcado... agora reverendo não sei o que fazer desse dinheiro... para quem dar?

Parentes elle não tem...

—O padre estava petrificado.

Olhava-me fixamente; suas pupillas nem tremulavam; tinha a respiração compassada.

De repente um sorriso lhe desanuviou o cerebro e o padre como si tivesse acordado de um sonho, olhou-me como si fora um amigo antigo e fallou-me: senhor, vá a sachristia vá; lá fallaremos.

—Fui; estava doido para rir, mas queria ver a resolução do frade.

Olha-me disse-me elle; si quer ser absolvido e alcançar o ceu e um logar perto de Deus, dae-me esse dinheiro..

Eu disbaratei... Ah miseravel corrupto! E' assim que sois todos vós, padres. Isso tudo foi uma invenção minha.

Não sou assassino nem ladrão; vós é quem o sois. Assassino, porque influenciado pelo ouro, apunhalastes a consciencia; ladrão, porque querias o dinheiro que não poderia lhe pertencer caso isso fosse uma verdade; és ainda Judas, porque vendes o reino do céu e um logar perto de Deus, por qualquer vintem, homem de alma podre e consciencia torpe e envenada. E's um infame...

As minhas ultimas palavras, ouvia-os o padre do ultimo degrao da escada da sachristia...

—§—

Por falta de espaço, deixamos de publicar no numero passado, a seguinte noticia de nosso correspondente do Rio:

«Durante a semana correu o boato que o seraphico frei Belisario se havia demittido. Mas, só boato.

Infelismente ainda é chefe de policia e «continúa a merecer toda a confiança» do Governo».

—§—

## CARTAS DO RIO

### III

A decadencia do Catholocismo.—Lamentações.—As carolices do seraphico Frei Belisario Tavora, demonstradas no seu exercicio de chefe de Policia.— Para bem servir a religião não se importa do escandalo.— O enthuziasmo na Liga Anticlerical.

Com o fim de arranjar uns cobrezinhos, iniciou uma serie de conferencias, o revdmo. padre e Dr. Deiber, da ordem dos Dominicanos.

Não sei se teve muita concorrencia esse reverendissimo espertalhão; mas, o caso é que, ao realisar a 3ª, o desanimo dos «catholicos» era formal e não deixaram de demonstral-o ao annuncial-a.

E' «O Paiz» de sexta-feira, 29, quem o diz na sua desenvolvida secção «Vida Social» que, ao fazer o réclame das «sabias» conferencias do «roupeta marron», assim principia:

«Tem sido lamentavel o abandono em que o nosso publico deixou, já por duas vezes, as eruditas conferencias do Revdmo. padre Dr. Deiber, da Ordem dos Dominicanos.»

«Tem sido lamentavel o abandono»!

Então aonde estão os milhares de catholicos com que se arrogam, constantemente, os «sabios» da igreja?

Não dizem a todos os momentos que o povo brazileiro, é, na sua maioria, essencialmente catholico como o Brazil é essencialmente agricola?

Pois o assumpto era convidativo; deviam ir, apenas como solidariedade prestada ao «digno ministro de Deus», que, tão desinteressadamente», trabalha para o engradecimento da sua igreija. E mesmo que assim não fosse, ao menos para admirarem as bellezas architetonicas do sumptuoso palicio Monroe.

Porque não foram?

Olhem que um homem, quero dizer, um servo de Deus, que deixa as commodidades do seu convento para ir pregar ao Palacio Monroe, em vez de fazel-o na sua igreja, merece mais um pouco de consideração, não acham senhores devotos, digo, catholicos, apostolicos romanos?

Não foram? Pois considerem-se excummungados pelo Papa Pio Xis. Sim; e olhem que elle tem razão; porque tem de fazer uma revisão nos seus orçamentos, e é uma massada de todos os diabos.

Chi!... E eu a fallar em diabos quando trato de coisas santas!... Qualquer dia, quando menos pensar, vem por ahi a excummunhão; e com razão.

Mas, eu, desde já, contricto, lamento oh! Sarto Pio! a decadencia da tua igreja com x e tudo!...

Na passada carta disse que havia corrido o boato da demissão do chefe de policia, o seraphico Frei Belisario.

Não lhe disse as causas porque eram muitas as aversões que andavam de bocca em bocca pelas ruas da cidade de Mem de Sá.

Mais, agora que o caso está esclarecido aqui o registro; e, para que não me julguem um inimigo do Dr. Belisario Tavora, testemunho-o com uma noticia do insuspeito jornal «A Noite»:

. . . . . .

«Ha mais de um mez que o dr. Tavora recebeu um pedido para collocar um cavalheiro, protegido de uma ordem religiosa.

Na Policia S. Ex. não encontrou um logarzinho qualquer para lhe dar.

Eis porque resolveu pol-o no commando de uma guarda nocturna, a do 17º districto por exemplo, onde o seu protegido ficaria em situação esplendida, pois que além de commandante da guarda nocturna podia accumular «as suas funcções de sacristão da egreja de Santo Affonso».

Justamente aquella guarda andava um tanto anormalisada.

O Dr. Tavora mandou chamar o Dr. Galba Machado, então delegado do 17 districto e lhe ordenou que fizesse a intervenção da guarda, o que, pelo regulamento, lhe era permittido.

O dr. Tavora ordenou-lhe mais que nomeasse interventor o sr. Falcão, o «sineiro da igreja de Santo Affonso». (Os grifos são nossos)--Continúa.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina